



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

SUSANA SOUZA REBOUÇAS

A ARTE DE VIVER DA FÉ
Memórias da seca através dos sertanejos

Salvador
2015

SUSANA SOUZA REBOUÇAS

A ARTE DE VIVER DA FÉ

Memórias da seca através dos sertanejos

Memória apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador
2015

AGRADECIMENTOS

Mesmo agnóstica, antes de tudo, agradeço a Deus por sua possível existência ter proporcionado todo o meu trabalho de conclusão de curso.

Aos meus pais, agradeço por terem feito parte da minha vida em todos os momentos, principalmente na finalização deste trabalho.

Aos meus irmãos, em especial a Raí, por ter estudado comigo todos os dias, me incentivando e reconhecendo o meu esforço.

A minha avó, por todas as orações e por ter me contado tantas histórias de vida que resultaram no início deste projeto.

A Karen Rosendo e toda a sua família, por ter me acolhido sem medir esforços, durante as viagens para colher depoimentos em Feira de Santana.

A Maria de Fátima Moraes e seu esposo Ubiratan, por também terem me acolhido em sua casa, mesmo sem me conhecer, durante minhas visitas ao distrito de Maria Quitéria.

Ao Padre Antônio Ferreira da Paróquia São José dos Itapororocas, por ter aberto as portas da casa paroquial quando eu estive perdida.

Ao Labfoto/UFBA por ter me disponibilizado os equipamentos necessários para as fotografias.

Ao meu grande amigo, Jonas Nogueira, por ter me levado à riquíssima biblioteca de Irará, onde consegui um norte para a elaboração deste projeto.

A Mateus Ribeiro, pelos puxões de orelha, incentivo e compreensão quando o assunto foi este livro.

A José Roberto Severino, por toda a atenção nas reuniões de orientação e por me apresentar o grupo de pesquisa Circuitos culturais, memória e narrativas do pertencimento, onde tenho me encontrado cada dia mais.

Aos moradores do distrito de Maria Quitéria em Feira de Santana, de laçu e de Marcionílio Souza que fizeram parte direta ou indiretamente deste projeto, meus sinceros agradecimentos.

A Faculdade de Comunicação da UFBA pelo excelente ensino.

E por fim, agradeço aos santos católicos, por existirem pelo menos em imagem, colorindo e fazendo parte de manifestações culturais riquíssimas por todo o nordeste, que me enchem os olhos e o coração.

“A religião é mais um território onde se descobre que a *doutrina* é a verdade de quem domina, e a *épica* a de quem é dominado, porque a doutrina é o código da dominância, e a *épica* o da esperança de seu fim, nem que seu dia seja ‘no fim dos tempos’.”

Carlos Rodrigues Brandão, (1986, p. 221)

REBOUÇAS, Susana. A arte de viver da Fé. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2015.

RESUMO

“A arte de viver da fé” é um livro feito a partir de memórias de sertanejos religiosos, que pedem a Deus e aos santos o fim da estiagem, ou esperam o próprio merecimento, sem deixar de fazer sua parte. Os sertanejos personagens deste livro encontram-se nas cidades de Feira de Santana, Marcionílio Souza e Iaçú, no interior da Bahia. Eles vivem da meteorologia popular, da agricultura popular e, a maioria, no catolicismo popular. Este trabalho tem como objetivo juntar memórias individuais da seca e as manifestações religiosas nestas localidades, transformando as histórias de vida destes personagens em memória coletiva. Nesta memória encontra-se todo o processo de pesquisa e desenvolvimento do livro.

Palavras-chave: Memória, Religiosidade popular, Seca, Manifestações populares, Fé.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REPRESENTANDO UM POVO.....	10
3. REFERÊNCIAS (TEÓRICAS E SITES).....	11
3.1. SOBRE RELIGIÃO.....	12
3.2. SOBRE A SECA.....	14
3.3. SOBRE MEMÓRIA.....	16
3.4. SOBRE FOTOGRAFIA.....	18
4. DIÁRIO DA MINHA MEMÓRIA.....	12
4.1. PRÉ-PRODUÇÃO.....	19
4.2. PROCESSO DE DECUPAGEM E EDIÇÃO DAS FOTOS.....	21
4.3. PRODUÇÃO DO LIVRO.....	21
4.4. GASTOS.....	21
5. REFERÊNCIAS.....	22
6. ANEXOS.....	24
6.1. ANEXO A – DEPOIMENTOS TRANSCRITOS.....	24
6.2. ANEXO B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM.....	40
6.3. ANEXO C – FOTOS.....	50

1 – INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2015, o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei 2447/07 do Senado, tornando lei a Política Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. O projeto foi aprovado como substitutivo da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. O objetivo desta lei é a proteção, preservação, conservação e recuperação dos recursos naturais. A aprovação do projeto se faz necessária para a atual situação do nordeste brasileiro e norte do estado de Minas Gerais. Dois importantes rios que passam pelo estado da Bahia, o Paraguaçu e o Rio São Francisco (terceiro maior rio do Brasil) estão ameaçados. Os dois rios abastecem quase todo o estado. O lago do Sobradinho, maior lago artificial do mundo e principal reservatório de água da Bahia¹ está com 20% da sua capacidade total.

A seca causa prejuízos sociais e econômicos para o semiárido nordestino há anos. Ela tem início e fim de difícil determinação e intensidade gradativa. Uma das suas principais causas é o fenômeno El-Niño. Para Humberto Barbosa, meteorologista e coordenador do Laboratório de Processamento de Imagens e Satélites (Lapis)², em seu livro *Mudanças e uso do solo no bioma Caatinga*, anos de seca ocorrem após o fenômeno El-Niño, mas isso não é uma regra já que existiram anos secos que não foram precedidos pelo El-Niño e nem sempre tivemos anos de seca após o fenômeno³.

Mesmo com o extenso histórico de secas no país, um relatório de 2013 do Sistema Nacional de Informações e Saneamento do Ministério das Cidades, mostrou que o Brasil desperdiça 37% de água tratada em vazamentos, defeitos, ligações clandestinas e mau uso. Segundo a Organização Nacional da Saúde, os gastos que deveriam ser de 110 litros por pessoa ao dia, são de 166,4 litros por pessoa em todo o país. Nestas condições, muitos sertanejos preferem acreditar e se apegar à vontade de Deus.

¹ Construído em 1974.

² O LAPIS recebeu em 2007 a implantação de um Sistema completo de monitoramento e previsão de tempo de curto prazo através da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Acesse em: <http://www.lapismet.com>

³ Confira matéria feita para o Imprensa Digital 126 com entrevista de Humberto Barbosa. Acesse em: <http://imprensaodigital126.com.br/?p=17987>

A primeira pesquisa acadêmica foi para análise sobre a religião e suas manifestações no semiárido baiano. Também busquei entender a atual situação meteorológica, além de dados sobre as religiões no Brasil, nordeste, Bahia e nas cidades de Feira de Santana, laçu e Marcionílio Souza. Já conhecedora dos festivais em homenagem a Nossa Senhora Santana, padroeira de Marcionílio Souza e Feira de Santana, ainda visitei as festas de São José no distrito de Maria Quitéria, em Feira de Santana, para registrar a fé das pessoas que ainda são devotas, fieis à igreja e aos santos.

Segundo o professor Faustino Teixeira em seu artigo *Faces do Catolicismo Brasileiro Contemporâneo*, foi a partir dos anos 80 que a porcentagem de católicos foi declinando cada vez mais, saindo de 90% em 1980 para 73,8% em 2000. Para ele, se iniciou no Brasil um processo de diversificação religiosa. No entanto, católicos e evangélicos somam cerca de 90% da população brasileira, o que significa que a diversidade religiosa se concentra em cerca de 4% da população. Mesmo assim, o professor ainda considera que este é o início de um processo de “destraditionalização” e de pluralização do campo religioso. Em 30 anos o número de evangélicos passou de 6% para mais de 20%, enquanto os católicos diminuíram cerca de 10%⁴.

Meu interesse por este assunto começou desde que comecei a compreender o mundo. Nascida e criada no interior da Bahia convivi com a seca, o catolicismo e as manifestações culturais e religiosas de perto, como a festa de Nossa Senhora Santana, padroeira de Marcionílio Souza, cidade onde cresci, com sua procissão; o terno de reis e as visitas da Mãe Rainha com toda a sua cantoria na casa de minha avó em laçu; além das festas em homenagem a São João, São Pedro e Santo Antônio, conhecidas como festas juninas, bem comum em todo o interior nordestino. Fui batizada na igreja católica muito pequena e cheguei a iniciar a catequese, mas desisti, preferindo participar do catolicismo mais popular e menos institucional. Com o tempo me tornei agnóstica, mas ainda amante das manifestações populares produzidas pelas religiões.

A escolha do livro como plataforma foi para que as pessoas entrevistadas pudessem ter contato maior com o produto se reconhecendo nas fotografias. A ideia

⁴ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

inicial era de um documentário audiovisual, mas a equipe formada não tinha horários em comum disponíveis, além de o custo ser alto para uma equipe inteira viajar para três cidades. A escolha das fotos em grande quantidade e em retratos foi para que os entrevistados se identificassem no produto, já que a maioria é analfabeta funcional e alguns sequer assinam o próprio nome.

Nem todos os personagens deste livro foram escolhidos, a maioria deles apareceu. As localidades que foram escolhidas. O distrito de Maria Quitéria em Feira de Santana, por exemplo, foi escolhido por ser uma comunidade extremamente ruralista, além de ter São José como padroeiro (o santo que é considerado o padroeiro da família e dos trabalhadores rurais). Assim como Maria Quitéria, Marcionílio Souza e Iaçú têm como principal atividade econômica a produção agropecuária. Além disso, Marcionílio Souza tem como padroeira uma das santas mais queridas pelos sertanejos, Nossa Senhora Santana, também protetora da família e padroeira dos avós. Os únicos personagens escolhidos foram as duas moradoras de Iaçú. Celestina Rebouças, minha avó, e Maria Bertina Rocha, que são as minhas principais referências de roça e catolicismo.

O título do livro, *A arte de viver da fé*, foi retirado do refrão da música *Alagados*, de Hebert Viana, vocalista da banda Paralamas do sucesso. A música, fala sobre a situação delicada com a chuva na Favela da Maré no Rio de Janeiro, nos anos 80, quando o país enfrentava uma crise econômica. A letra da música pode se referir diretamente aos problemas do excesso de chuvas, mas não deixa de servir para os que sofrem com a escassez. Além disso, quando ainda morava em Marcionílio Souza e pegava a estrada para visitar minha avó na cidade vizinha, via a paisagem seca enquanto *Alagados* tocava no som do carro, o que me fazia refletir sobre a arte de viver da fé em duas posições: a dos alagados e a dos secos.

Este livro não se trata de um trabalho fotográfico, mas de um apanhado de memórias no qual as fotografias servem como ilustração, além de também servirem para que os personagens, em maioria analfabetos, se reconheçam no livro. Os capítulos, assim como os depoimentos, são independentes, podendo ser iniciado de qualquer parte do livro, sem uma narrativa pré-determinada.

O maior desafio deste projeto foi encontrar personagens que tivessem histórias que se cruzassem de alguma forma para que se tornassem, de fato, uma

memória coletiva. Foram entrevistadas 16 pessoas, mas apenas nove depoimentos entraram no livro. Além disso, algumas das pessoas ficavam receosas de contar histórias de sua vida para estranhos ou apenas de conta-las para o mundo. Até a minha avó intimidou-se ao saber que não eram mais apenas histórias contadas na mesa do café da manhã, mas histórias que estariam disponíveis para o mundo.

O livro *A arte de viver da fé* é uma produção para trabalho de conclusão do curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA).

2 – REPRESENTANDO UM POVO

Este trabalho tem como objetivo reunir texto e fotografias para a composição de um livro de memórias de alguns sertanejos baianos, católicos e ruralistas. O intuito é de formar uma memória coletiva sobre a relação da fé cristã com a seca nordestina.

Para isto, um dos objetivos do trabalho foi fazer um panorama da seca e das religiões católicas no Brasil, no Nordeste, na Bahia e nas localidades⁵ em que vivem os entrevistados, para conhecer a situação local e direcionar as entrevistas a partir disso. Depois, juntar as entrevistas que tivessem ligações entre si para construir uma narrativa, mostrando histórias diferentes saídas de um mesmo ponto. Além disso, este livro tem o objetivo de também manter um registro, preservando algumas histórias e imagens que fazem parte da identidade cultural dessas localidades e da história destas pessoas.

Com o declínio do catolicismo no Brasil, registrar as manifestações populares ou ao menos a memória das pessoas que ainda fazem parte dessas práticas é ainda mais importante. Com a grande evasão dos jovens para os grandes centros em busca de condições de vida melhores tem diminuído a intensidade e quantidade das manifestações populares. Na cidade de Marcionílio Souza, por exemplo, há 10 anos a Igreja festejava dois dias para a padroeira da cidade no mês de julho, com direito a igreja cheia e procissão. Atualmente, a Festa de Santana se tornou uma festa comercial, quase esquecida pelas novas gerações como festa, de

⁵ Dados retirados do IBGE Estados e IBGE Cidades

fato, religiosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente 30% da população baiana vive na zona rural. Há 50 anos, a população rural era de 65%.

Mas o catolicismo popular ainda tem grande influência na cultura nordestina, sempre ligada aos santos e seus festejos. Para Arão Azevêdo de Souza (2009), a ligação das pessoas com o sagrado é maior quanto mais distante das sociedades modernas elas estiverem, um bom exemplo disso são os moradores das áreas rurais. “Quanto mais distante dos processos que formam as sociedades modernas, mais próximos do sagrado e da religião os homens se encontram.”– (SOUZA, 2009, p.2).

O projeto Brasil memória em rede, reuniu no livro *Brasil Memória em Rede: Um novo jeito de conhecer o país* (2010), histórias orais de diversas pessoas de várias localidades do país. Da mesma forma tento fazer em *A arte de viver da fé*, reunindo histórias orais individuais para uma memória maior do sertão baiano, mas com uma abrangência bem menor. Para Mario Chagas, no livro do projeto Brasil Memória em Rede, “não há cultura sem subjetividade, ainda que manifestada no social ela está completamente impregnada de subjetividade”.

A ideia deste livro é de manter em registros histórias subjetivas “manifestadas no social” formando uma grande memória. Além disso, a seca do nordeste, embora castigue a região desde a época colonial, nunca foi tratada pelas demais regiões como um problema nacional como aconteceu com a seca que atingiu o Sudeste em 2014, sendo este mais um dos pontos pelo que tento transferir os olhares assustados fixados nos antigos alagados, de forma mais poética, para os sempre secos. Por ser a seca do nordeste algo que já existe há anos, o problema é visto muitas vezes como uma situação comum e sem grandes problemas para o país em si, que tem como centro político-econômico o Sudeste. Algumas das histórias contadas no livro demonstram o sentimento de quem sofre com a estiagem e não é ouvido. Dar voz a estes sertanejos existentes, mas ignorados, até pelo próprio fato de serem mais velhos, é mais um dos motivos da existência desse livro.

Assim como a jornalista Harriet Logan fez em *Mulheres de Cabul* (2002), com moradoras da cidade de Cabul no Afeganistão, muito mais oprimidas quanto ao direito à fala que os meus sertanejos, dando a elas poder de contar as suas histórias

que são parte de uma grande história, criando assim uma memória, tentei fazer com os sertanejos. Muitos dos sertanejos sabem que têm o direito de falar, mas não falam, ou têm medo de falar sobre suas vidas e lembranças para algum desconhecido, já que poucas pessoas se interessam de fato por suas histórias.

Há um tempo o governo tem feito programas de combate à seca que têm resolvido grande parte do problema de escassez de água nas comunidades mais necessitadas, com doação de cisternas para as comunidades com difícil acesso a água, por exemplo. A assistência tem aumentado, segundo o Ministério da Integração Nacional, graças ao cadastro feito pelos municípios quando estão em situação de emergência.

3 – REFERÊNCIAS (TEÓRICAS E SITES)

3.1 – SOBRE RELIGIÃO

Para entender um pouco mais sobre o catolicismo, que é a religião majoritária deste trabalho (embora ele inclua uma protestante que já foi católica), recorri a quatro autores além de sites oficiais. Um desses autores é Elias Enock, morador do distrito de Maria Quitéria onde metade dos entrevistados moram. Ele fala sobre a história do distrito e como o catolicismo chegou à localidade. O outro é Carlos Brandão, que faz um apanhado sobre o catolicismo institucional e o popular, além de compará-lo com o protestantismo em *Os desuses do povo*. Para entender ainda mais sobre o catolicismo, recorri a Faustino Teixeira⁶, falando sobre o catolicismo brasileiro contemporâneo. E, por último, Arão Souza falando sobre o homem, a religião e sua condição cultural e as relações do espaço com o sagrado.

Elias Enock (2011), que já nas primeiras páginas do livro se apresenta católico com uma oração do “Pai Nosso” como abertura, faz um grande histórico da formação da cidade de Feira de Santana a partir do distrito de Maria Quitéria, antes conhecida como São José dos Itaporococas. Segundo o pesquisador, Maria Quitéria se tornou posto para os boiadeiros que traziam o gado pela “estrada de boiada”.

⁶ Professor do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora

“As terras do litoral norte utilizadas para a criação de gado não deram certo, a perda de muito gado veio a fazer com que o governador no ano de 1560 determinasse nova área em direção o sertão, passando nas terras dos Campos de São José das Itapororocas com abertura de uma estrada até a vazia do Rio São Francisco com destino a Minas Gerais, Goiás e Piauí. Surgindo à estrada de boiada, que era bastante larga para o transporte de gado.” - (ENOCK, p. 9).

Segunda a pesquisa de Elias, a Paróquia São José dos Itapororocas, de 1825 a 1846, não era reconhecida pela cúria romana, vindo a ser restabelecida após lei da Província de 23 de abril de 1864. Junto ao novo período da igreja, com formação de nova sede, surgiram os direitos dos cidadãos com relação à religião, além da evangelização e catequese dos escravos e índios que moravam na região. O catolicismo em Maria Quitéria⁷ é, ainda, tão forte, que, mesmo com a troca do nome do distrito para Maria Quitéria, os moradores continuam o chamando de São José.

Carlos Brandão (1980), fala sobre as diferenças entre o catolicismo e o protestantismo, e sobre a popularização da religião pelos subalternos. Segundo ele,

“a Igreja consagrou a divisão entre o trabalho sacerdotal-sacramental (os meios dos vínculos efetivos das relações de salvação entre o terreno e o sagrado) e o trabalho laico devocional (os meios de exercitar a fidelidade popular ao sagrado católico)”. – (BRANDÃO, p. 202).

Para Brandão, houve uma reinvenção do sagrado, com as manifestações do catolicismo popular com uma grande força, já que os subalternos tinham acesso aos ensinamentos da igreja através dos “agentes do campesinato”, que fora da igreja reinventavam esses ensinamentos.

“livre das amarras da Igreja e de suas confrarias de burocratas fiscais, desde que não desrespeitasse os princípios de invenção das representações populares, cada agente de qualquer comunidade pode acrescentar os casos próprios do estoque local a um repertório comum de crenças” – (BRANDÃO, p.204).

Ainda segundo o autor, os protestantes manifestam-se de forma diferente dos católicos, não permitindo que se recriem as histórias da Bíblia.

“Como história e como doutrina, a verdade revelada termina nas últimas linhas do Apocalipse, e os homens não só devem criar fabulários sobre os fatos da Bíblia, como não devem opor a eles

⁷ O nome da localidade mudou para Maria Quitéria porque a fazenda em que Maria Quitéria nasceu fica nas imediações do distrito.

narrativas posteriores, a não ser como exemplos fiéis da continuidade de seu valor de fé absoluta.” – (BRANDÃO, p. 217).

O catolicismo no Brasil é caracterizado pela diversidade. Diversidade de festejos, de santos idolatrados, etc. Segundo Pierre Sanchis (1992, p. 33 in TEIXEIRA, 2005, p. 3), “há religiões demais nessa religião”.

Teixeira (2005) acredita que o catolicismo brasileiro é característico pela plural possibilidade de comunicação com o sagrado. O pensamento dele sobre o catolicismo popular, o catolicismo tradicional e o protestantismo é extremamente parecido com o de Brandão. “A plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expresso de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o ‘outro mundo’.” (TEXEIRA, p. 18)

Arão Souza (2009), diz que o apelo ao sagrado cumpre uma grande função. “De certa forma, quando não há explicação para fatos naturais ou catástrofes, o apelo ao sagrado ou a religião cumpre uma função de dar respostas a determinados fatos.” (SOUZA, p. 2). Souza foi o autor que trata sobre a religião, junto a Brandão, com quem mais identifiquei minhas experiências durante o processo de produção do livro e, já que os personagens deste livro apelam para o sagrado na procura por respostas sobre a estiagem.

3.2 – SOBRE A SECA

Quanto à seca, minhas referências estiveram em maior parte em sites oficiais para levantamento de dados e matérias de jornais e revistas. Também recorri a José Nilson Campos e Ticiania Studart (2001), falando sobre as definições de seca, as soluções cabíveis a ela e a importância das previsões científicas e populares.

Dos sites oficiais, os do IBGE, Secretária de Agricultura Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) e Ministério da Integração Nacional, foram os mais usados para colher dados sobre a população rural, religiões do Brasil e secas que atingiram as cidades visitadas, a Bahia e o Brasil. Além disso, foi através do *Lapis* que conheci e me comuniquéi com o coordenador do laboratório, Humberto Barbosa, em conversas por e-mail sobre a seca no nordeste.

No Ministério da Integração Nacional eu consegui os dados dos municípios que decretaram estado de emergência por estiagem. No IBGE, além dos dados com a quantidade de católicos e protestantes na Bahia e no Brasil, consegui dados populacionais. Encontrei na Seagri mais informações sobre quantidade das cidades em situação de emergência, além as ações do governo para a solução do problema, bem como previsão do tempo, que também encontrei no site do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema). Ainda no Inema encontrei informações sobre a situação dos rios baianos, como Paraguaçu e São Francisco. Do Sistema Nacional de Informações de Saneamento do Ministério das Cidades, consegui dados sobre o (mal) uso da água pelos Brasileiros e principais meios de desperdício da água.

Para Campos e Studart (2001) existem quatro fases para a seca que se interligam.

“A seca climatológica (causa primária ou elemento que desencadeia o processo), a seca edáfica (efeito da seca climatológica), a seca social (efeito da seca edáfica) e finalmente, a seca hidrológica (efeito dos baixos escoamentos nos cursos d’água e /ou do sobreuso das disponibilidades hídricas)” – (CAMPOS, STUDART, p. 3).

Este trabalho é, neste caso, sobre os resultados da seca social, que se trata das “perdas e transtornos sociais, como fome, migração e desagregação social” (p. 3). Uma solução cabível para a seca, segundo eles, “depende da eficiência da gestão das águas. Esta gestão deve assentar em duas funções da Engenharia: transporte de água no tempo – dos ‘invernos’ para as secas, e o transporte de água no espaço, dos açudes para as cidades e campos de irrigação” – (CAMPOS, STUDART, p. 6). Quanto às previsões, os autores apontam as científicas e populares, cada uma com suas qualidades e falhas.

“No lado científico, que faz uso de um oceano de informações e tecnologias, as relações com os fenômenos El Niño, La Niña, temperaturas das águas do Oceano Atlântico são as mais usadas para as previsões. No lado popular, há duas vertentes: a dos conhecimentos empíricos e a das credices populares. Nos conhecimentos empíricos, as observações passam de geração para geração sem um tratamento sistematizado. Essas previsões são criadas por associações intuitivas que observadores leigos fazem entre dois ou mais eventos da natureza. A partir daí, são criadas crenças que passam de geração a geração. [...] Há também as credices que mais refletem desconhecimentos do problema e transformam-se em folclores. A experiência das doze pedrinhas de

sal na véspera do dia de Santa Luzia é a mais interessante. [...] A previsão científica, por ser de maior credibilidade, é a de maior responsabilidade. [...] Se a previsão falha, quem falhou foi o previsor, a ciência continua em seu pedestal”. (CAMPOS, STUART, p. 8).

3.3 – SOBRE MEMÓRIA

Para entender mais sobre memória (individual e coletiva), sobre história oral e sobre memória com patrimônio, recorri a quatro autores: Michael Pollak, Sue McKemmish, Edson Leite e Paul Thompson.

Pollak (1992) fala sobre os elementos que constituem as memórias individual e coletiva, de forma que me faz reconhecer na maioria dos depoimentos, quando mesmo os eventos dos quais os entrevistados não participaram fazem parte de suas vidas e lembranças.

“Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK, p. 201).

Para Pollak, a memória é seletiva e, em parte herdada. Bem como a maioria das histórias registradas em *A arte de viver da fé*, onde dona Maria Bertina herdou as memórias e crendices de sua mãe Antônia para as trovoadas de São José, ou quando eu herdei as histórias da minha avó para fazerem parte da minha vida. Além disso, para Pollak,

“a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho organizado.” (POLLAK, p.204).

Para Jacques Derrida (2002, p. 44 in McKemmish, 2013, p. 20), a memória vive uma “febre de arquivamento”, porque algo em nosso psíquico encaminha-as para a destruição. “Para Derrida, arquivar, no sentido de inscrever um rastro em

algum lugar, exterior à memória viva, é um ato de esquecimento que carrega consigo a possibilidade de um lembrar deferido, adiado” (McKEMMISH, p. 21).

Para McKemmish, as memórias revivem quando são, de alguma forma, atiçadas. “Outras histórias são rememoradas quando contadas, cantadas, dançadas ou encenadas, registradas em rituais e cerimônias, evocadas, recontadas ou encenadas novamente.” (p. 25).

A devoção aos santos, neste caso, são “memórias herdadas” (POLLAK) e os rituais e cerimônias religiosas, fazem até agnósticos, como eu, lembrar a existência e história do santo que já conhecia, mas havia arquivado.

Leite (2011) escreve sobre patrimônio cultural e sua preservação diante do turismo. Embora não seja bem o caso da memória da qual se trata *A arte de viver da fé*, ele traz em seu livro alguns relatos de patrimônios culturais imateriais, como é o caso da devoção neste livro, além de trazer um conceito abrangente sobre o patrimônio cultural, que para este trabalho é muito importante. Para Leite,

“O patrimônio cultural imaterial é o patrimônio diversificado, ao mesmo tempo vivo e tradicional, que se manifesta por meio de expressões e tradições orais, pelas artes performáticas, pelas práticas sociais, incluindo rituais e eventos festivos, pelos conhecimentos e práticas relacionados à natureza e pelo artesanato tradicional.” (LEITE, p. 62)

Leite ainda teme a mesma angústia de dona Maria Bertina, personagem de *A arte de viver da fé*, de que o patrimônio cultural imaterial passado de geração para geração esteja seriamente ameaçada.

“Em nosso mundo a transmissão do patrimônio de geração a geração está seriamente ameaçada, entre outros fatores, pela industrialização, pelo crescimento das cidades, pelos conflitos armados, pela degradação do meio ambiente, pelas consequências do turismo de massa desordenado.

[...]

A rica diversidade dos bens culturais do país necessita ser investigada e inventariada para que a comunidade local, num primeiro momento, e os visitantes, num segundo, possam assimilar, valorizar, salvaguardar e transmitir às gerações futuras esse patrimônio” (p. 65, p. 68)

De Thompson (1992), recorri a dois capítulos do livro *História oral: A voz do passado: sobre História e comunidade* e o *A entrevista*. Segundo Thompson “a

história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a ‘primeira’ espécie de história” (p. 45). Para Sônia de Freitas (in Thompson,1992, p. 17) a história oral é de grande contribuição para a coletividade.

“Nesses contextos, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.” (FREITAS, in Thompson,1992, p. 17).

Quanto às dicas de entrevista de Thompson, segui-as desde as minhas primeiras visitas à Maria Quitéria, para conhecer o distrito e seu povo (mapeamento), até o momento da coleta final de depoimentos. Duas das principais dicas de Thompson foram: “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando e colhendo ideias e informações.” (p. 254). Além desta,

“O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando o seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro subjetivo de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes.” (p. 258).

Assim fiz. As entrevistas foram feitas em tom de conversa, para que as informações e questões fluíssem mais facilmente e para que os entrevistados se sentissem mais à vontade.

3.4 – SOBRE FOTOGRAFIA

Antes de fazer as fotografias que ilustram o livro, recorri a dois textos, um mais técnico e outro sobre imagem como memória e identidade. Para Márcia de Castro Borges (2001), “a imagem [...] possibilita uma (re)construção da identidade cultural e da cidadania.” (p. 277).

Ainda para Borges, “A imagem – em sentido amplo – pode ser o estopim para estabelecimento de uma auto-representação” (p. 279). Este é um dos motivos

pelo qual incluiu fotografias no livro, para que os entrevistados sintam esta representatividade de si mesmos. Para a autora,

“podemos pensar a fotografia como uma espécie de memória material, pois ela não só possibilita um registro dos fatos e sua conservação durante um período de tempo, como possibilita a encenação, a representação de um dado objeto e a narração com características pautadas na realidade e na ficção. [...] percebemos na imagem fotográfica – agora como memória – a possibilidade de efetuar leituras sobre a realidade que congela.” (p. 280)

Para Ansel Adams (2000), “É importante examinar o objeto com maior cuidado desde o início, para assegurar que todas as formas estejam claramente definidas e que as fusões de linhas e tonalidades tenham sido evitadas.” (p. 108). Durante as fotografias, com a ansiedade, timidez e tempo curto para as entrevistas, busquei fazer retratos (que mostrassem com mais detalhes os entrevistados, realçando sua significância e representatividade). Algumas entrevistas foram feitas ao entardecer, deixando transparecer uma luminosidade artificial, como no caso das fotos de seu Rafael.

As fotos feitas por último, em laço, com entrevistadas conhecidas e mais à vontade (embora Maria Bertina estivesse com pressa), ficaram representativamente melhores, após dois dias de prática. “Com a prática, conseguimos avaliar rapidamente as relações visuais e escolher uma posição de câmera adequada para qualquer cena.” (p.110).

4 – DIÁRIO DA MINHA MEMÓRIA

4.1 – PRÉ-PRODUÇÃO

Durante o processo de pré-produção eu procurei conhecer o distrito de Maria Quitéria, indicado por Cleidiana Ramos para ser um dos meus locais de pesquisa, pelo tamanho da festa e abrangência dos festivais para São José. Na cidade, conheci Fátima Maria, uma professora extremamente católica que me mostrou o distrito e me apresentou ao seu irmão, Elias Enock, que faz parte do referencial deste trabalho com o livro sobre a história do local.

Nesta primeira visita descobri que aconteceria a Festa da Colheita, no dia 23 de novembro, exatamente uma semana após a minha visita. Voltei para Salvador, conversei com Severino e Rodrigo Rossoni, quanto às fotografias. De volta à Maria Quitéria, conheci minhas primeiras grandes fontes: os trabalhadores rurais fiéis à São José. A partir daí fiz meu recorte dentro do tema.

Quatro meses depois de manter contato com a paróquia do distrito, voltei para registrar os festivais de São José e fazer minhas primeiras entrevistas com Antônia das Virgens e Antônia Sales. Foi neste dia também, que abri mão do foco total no catolicismo, já que a crença de Antônia Sales, protestante, também faz parte dos seus ritos com Deus para a solução da estiagem. Além dessas entrevistas, entrevistei dois irmãos e um amigo que estavam na cidade para o enterro de um lavrador, Alberto Barros, Alpino Pereira e Elias Pereira. Não permitiram fotos e disseram estar com pressa para pegar o último transporte do dia para casa, na zona rural. Fui com eles, sem saber como voltaria. Foi quando encontrei Antônia Sales, que me deu abrigo da chuva que caía em véspera de São José e fiz a primeira entrevista. Retornei em um ônibus escolar, último transporte de volta para o distrito. Pela tarde, entrevistei Zenaide, uma professora do município, que estava ajudando a enfeitar os andores para a missa e Vanderley, que enfeita os andores há anos. As primeiras entrevistas aconteceram no dia 18 de março de 2015 (quarta-feira).

19 de março de 2015 (quinta-feira), Dia de São José. Mais três entrevistas feitas, com Manoel, Rafael e Eduardo, todos trabalhadores rurais e devotos de São José. No final da tarde fui à zona rural de carona com Ubiratan, esposo de Fátima Maria, a pedido dela. Entrevistei Rafael e Manoel e descobri histórias distintas da mesma seca dos vizinhos. Na missa em homenagem a São José, encontrei Eduardo, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do distrito.

Na missa, fotografei os rituais institucionais, cheio de dedos dos devotos, além da procissão que seguiu com suas superstições na ordem dos andores, quando São José tinha que ser o último dos santos a sair da igreja. Do lado de fora, uma feira livre vendia produtos feitos a partir do que os lavradores plantaram. Uma feira parecida aconteceu na Festa da Colheita.

No dia seguinte viajei para Marcionílio Souza, mas cheguei tarde para entrevistas. No sábado, fotografei a feira livre de Marcionílio Souza. Neste mesmo

dia viajei para Iaçú, entrevistando Maria Bertina e Celestina. Retornei no mesmo dia, quando entrevistei Jerônimo, Maria Estella e Renato.

Retornei para Salvador no domingo, quando dei início à curadoria das entrevistas e comecei a decupá-las.

4.2 – PROCESSO DE DECUPAGEM E EDIÇÃO DAS FOTOS

Ao iniciar a decupagem das entrevistas, fui eliminando as que me lembrava não servir por falta de algo ou por não fazerem sentido para o tema do meu trabalho. No fim das contas, dos 16 entrevistados, ficaram nove: Antônia das Virgens, Antônia Sales, Manoel, Rafael, Eduardo, Maria Bertina, Celestina, Jerônimo e Maria Estella. Todos com histórias da seca e suas soluções, todos crentes e fiéis a Deus. Estes dois foram os principais critérios para manter depoimentos cabíveis. Ouvindo-os novamente, percebi que cada um tinha uma particularidade interessante. Decupei-os e comecei a tentar amarrá-los.

4.3 – PRODUÇÃO DO LIVRO

O livro inicia com o depoimento de Celestina Rebouças, minha avó, porque, além de começar de forma introdutória, foram as histórias dela que me incentivaram a escrever sobre este tema. O depoimento de Jerônimo fecha o livro, por eu acreditar que seu depoimento foi significativamente cultural e representativo, estando o próprio entrevistado em lugar de patrimônio como contador de causos local. Não menos importantes, entraram os demais depoimentos no miolo, interligando uns com os outros.

Para o livro utilizei os dados que tirei dos sites oficiais já citados nesta memória, sobre religião, população rural e seca para fazer um breve panorama da situação atual brasileira acerca deste assunto antes de iniciar com os depoimentos. Com a ajuda de meus pais escolhi as fotos que mais pareciam representativas enquanto memória para eles, já que ambos são formados em história, atuando em história da arte e história geral.

Por fim, organizei as minhas fotos e do meu pai de forma que formassem uma narrativa dentro do texto. As boas fotos que não entraram junto ao texto, fazem

parte de uma espécie de álbum de fotografias, comum na casa da maioria dos entrevistados como objeto de armazenamento da memória da família. Assim, guardei, também, a memória desta grande família de sertanejos.

4.4 – GASTOS

Com as três viagens para Maria Quitéria e três para Marcionílio Souza e Iaçú (cidades vizinhas), os gastos em transporte interurbanos chegaram a 500 reais, sendo três para Maria Quitéria, três para Marcionílio Souza e uma para Iaçú. Além dos gastos com transporte interurbano, cerca de 100 reais ficam com os gastos de táxi para prevenção do equipamento do Labfoto. De transporte urbano em Feira de Santana, os gastos chegam a mais de 50 reais, já que Karen Rosendo foi uma espécie de assistente que me acompanhou durante todo o processo entre Feira de Santana e Maria Quitéria. Além dos gastos com impressões e CDs.

Não houve gastos em estadia.

5 – REFERÊNCIAS

ADAMS, Ansel. **A Câmera**. Tradução: Alexandre Roberto de Carvalho. São Paulo, Editora SENAC, 2000, p. 107-118.

BORGES, Márcia de Castro. **Imagem, memórias e identidades**. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes et al. (Org.). Educação não-formal. Cenários da criação. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 277 e 285.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. **Do Cristo ao Bom Jesus: da Ideologia Religiosa ao Imaginário Mítico**. Livraria Brasiliense Editora, 1980, p. 199 – 225.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, **Câmara aprova projeto que torna lei a Política Nacional de Combate à Seca**, 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/482281-CAMARA-APROVA-PROJETO-QUE-TORNA-LEI-A-POLITICA-NACIONAL-DE-COMBATE-A-SECA.html>>. Acesso em: 20 de março de 2015.

CAMPOS, J. N. B; STUDAR, T. M. C. **Secas no Nordeste: origens, causas e soluções**. IN: *IV Diálogo Interamericano de Gerenciamento de Águas*. ABRH, Foz do Iguaçu, 2001.

CHAGAS, Mário. *Brasil memória em rede: um novo jeito de conhecer o país*. “**A memória é uma ilha de edição**”. Vários Colaboradores. São Paulo. Museu da Pessoa. Editora Casa Aberta, 2010, p. 9.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. **Qualidade dos rios**. Disponível em: <<http://www.inema.ba.gov.br/servicos/monitoramento/qualidade-dos-rios/>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. **Previsão do Tempo**. Disponível em: <<http://www.inema.ba.gov.br/servicos/tempo-e-clima/previsao-do-tempo/>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

LEITE, Edson. **Patrimônio: Um Conceito Abrangente**. *Turismo Cultural e patrimônio imaterial no Brasil*. São Paulo: INTERCOM, 2011, p. 53 – 70.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Sistema Nacional de Informação Sobre Saneamento Básico, **Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgoto**, 2013. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br/PaginaCarrega.php?EWRErterterTERTer=105>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Situação de emergência ou estado de calamidade Pública**. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/web/guest/reconhecimentos-realizados>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

MIRANDA, Luiz. **A Seca na Bahia**. Secretária de Agricultura Pecuária, Irrigação, Pesca e Agricultura. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/4_socioeconomia01v9n2.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2015.

McKMMISH, Sue. **Provas de mim...novas considerações**. IN TRAVANCAS, Isabel et al. (org.) *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 17- 43.

MORAES, Elias Enock Gomes de. **São José dos Campos de Itapororoca: aqui começou** Feira. Gráfica Clínica dos Livros. Feira de Santana, 2011, p. 9 – 34.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

SOUZA, Arão de Azevêdo. **Muito além das preces: o sagrado e a religião em Jessier Quirino**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-azevedo-muito-alem-das-preces.pdf>>. Acessado em: 5 de maio de 2014.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. *Revista USP*. São Paulo, nº 67, p. 14-23. Setembro/ novembro de 2005.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992, p. 14 – 278.

ANEXO A – DEPOIMENTOS TRANSCRITOS

Antônia Pereira das Virgens

66 anos

Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana – Bahia

18 de março de 2015.

DEPOIMENTO

Eu morava na roça, né? Morava nos Treze, dos Treze eu fui lá pra Mané Coruja que é uma ruazinha, tipo um pavilhadozinho, depois morei no Pé-de-Serra, e agora moro aqui. Eu vim morar aqui porque eu não aguentei aquela fome. Na hora que deu aquela fome, eu com 10 fi, como era que eu dava de comer, naquela seca que teve? Acho que você não lembra, não, que na cidade não vê seca, né? Vê quem mora na roça, onde farta água, farta farinha, farta tudo. Aí ficou difícil pra mim.

Eu saí de lá e vim morar aqui, com 10 fi, antes de tudo era 15, eu tenho 10 vivo. Coloquei uma bodegazinha aqui, fiquei vendendo na bodegazinha. Aí meu menino mais velho morreu e eu fiquei sem saber o que era que fazia, porque cê sabe, quando cê perde um filho é difícil, viu? Ainda morreu novo, com 25 ano, lá em Minas. Aí eu larguei, 'não quero negócio de venda não, que eu não tô sabendo o que é que eu tô fazendo. Agora eu trabalho na roça, se bem que esses dias eu nem tô trabalhando. Mas, eu trabalho na roça, pranto meu feijão, meu milho, batata, abroób, tudo que der na roça... Manga. A vida é assim.

Aqui a gente pranta pra comer, agora quando tem muito pra não bichar, a gente vende um pouquinho, mas pranta mais é pra comer. É muito filho, se você não tiver uma coisa pra dar é ruim demais. Não mora nenhum comigo mais. Agora, graças a Deus, cada um já arranhou sua família, já arranhou suas casinhas pra morar. Moram quase tudo perto daqui, indo pra Pé-de-Serra.

Eu continuo prantando. Quando chega o inverno a gente pranta ou pouco ou muito, a gente tem que prantar o feijão que é pra gente comer. Não dando pra vender, a gente tem cozinhado, né? É uma alegria quando você vê chover.

Eu sou católica, frequento sempre a igreja e agora tá nas festas de São José, e eu sou devota dele, a gente que mora aqui mermo é. Aqui ainda tem a igreja de crente, eu tenho um filho que é crente, mas a lei que eu nasci eu morro. Não tem esse negócio de mudar de lei, não. Se só tem um Deus só, não tem dois Deus, só é um só.

O dia de São José é amanhã e hoje mesmo já deu uns pingos cedinho, que é pra prantar milho. Tem um bando de gente que já prantou milho na terra seca, esperando a chuva. Mas eu mesma não plantei, não. [risos]

Eu gosto de passear, agora mesmo eu fui pra um passeio na gruta lá no Coração de Jesus. Ano passado eu fui pra Bom Jesus da Lapa. Eu gosto de me divertir, de sair pra ver os santos.*

A gente quando pede pra São José mandar chuva, a gente reza o bendito, que é assim: “Meu São José, mande chuva com bondança, meu Jesus de Nazaré...”. A gente ainda acende vela, quando tem o passeio de São José, agora mermo vai ter, aí vai cada um com sua vela na mão.

Quando São José não manda chuva a gente tem que se conformar porque ele não pode ser mais do que Deus, né? Porque primeiro é Deus, de Deus os outros. Esse ano eu tô esperando a chuva, mas seja o que Deus quiser, se Deus vê que nós merece chuva, chove. Que sempre é assim tem ano que é bom, mas tem ano que é ruim. Não é direto que é bom, não.

*Antes de eu vim embora, quando a seca apertava lá na roça, eu comprava licuri**, vendia. Comprava jaca, beiju..., tudo isso eu comprava para vender pra ajudar. Eu vinha de lá do Garapa, onde eu morava primeiro, pra vim pegar o carro pra Feira. Era tudo difícil, não era nada fácil, não. E se perdesse o carro, saltava aqui e ainda ia de a pé.*

As coisa melhoraram depois que eu vim de lá pra cá. Nas minhas terrinhas aqui, que é herança, fica mais perto. Mas lá ficava mais difícil, que o transporte era só o de Vando. Era um indo e outro voltando e se você perdesse ficava difícil. Ainda vinha lá pela estrada, lá pela pista grande e passava lá por Mané Coruja. Aqui é diferente, se disser assim, tenho um trocado, já vai na rua compra a sua carne, a sua farinha, o que você queria comprar, de repente você vem.

Lá, naquela seca, com 10 fi, não tinha nada pra você sobreviver, era ruim demais. E quem tem fi, como um que eu tenho mesmo, ele agora já tem família, mas uma vez eu fritei a carne e fiz um pirão pra ele, ele chorou dizendo “Eu não sou galinha pra comer pirão, não. Quem come pirão é galinha!”, aí é difícil. Eu fui chegando mais pra cá, também por causa da idade. Vagabundagem tava tendo muito, aí eu disse, “olha é melhor a gente procurar um lugar mais pra frente pra não ficar num lugar muito atrasado”. Agora melhorou mais lá, mas as casas lá é tudo de grade, o povo com medo, né não? Eu fico aqui, as meninas moram aqui perto. Uma mora em Campo Limpo, outra em Salvador, os outros moram tudo aqui na roça, mas é mais perto, qualquer coisa eu pego a bicicleta e vou lá, de repente eu tou aqui e de repente eu tou lá. Aí um já. É vem chegando um fi aí.

*A gruta do Coração de Jesus fica na cidade de Ituaçu, no centro-sul baiano, à 525km de Salvador.

**Licuri é uma fruta, também conhecida como dicuri, ourcuri, nicuri, coco-cabeçudo e nicuri-de-caboclo. A fruta vem da *Syagrus coronata*, palmeira nativa da Caatinga. Fonte: www.umpedeque.com.br.

52 anos

Fazenda Rumo, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana – Bahia

18 de março de 2015

DEPOIMENTO

Eu nasci e me criei na roça, sou lavradora. E eu continuo aqui na roça, até quando Deus quiser, né? Minha mão tá aqui, minha filha, na amargura, doendo, trabalhando pra ter o trocado, porque se a gente não trabalhar a gente não tem. Deus mandou a chuva, a gente tem que aproveitar. Deus não manda nada pronto, não. Ele manda a chuva e a gente tem que aproveitar o milagre dele, cuidando da lavoura. Quando é em setembro a gente já tá colhendo. Mas, se a gente não se esforçar, a gente não pode clamar a Deus, não. Nem se Deus não mandar a chuva a gente pode dizer, “meu Deus, por que essa seca?”. Sabe por quê? Porque Deus manda a chuva na hora certa e ele faz o bem sem olhar a quem. Agora, tem muita gente que não agradece o que Deus faz, mas eu agradeço.

Eu vivi uma vida angustiada, cheia de problemas. Passei por uma separação que eu não aceitava e permanecia cheia de problemas. Mas aí eu vi que a minha vida em vez de subir, tava descendo. Aí a minha prima me chamou pra ir na igreja, “já que você não tá indo na outra, umbora na igreja”. Aí eu fui e estou me sentindo bastante bem.

Deus é um só, na igreja católica só existe um Deus, na outra também, o mesmo da católica tá na cristã [protestante]. Porque tem gente que diz que na igreja católica ou na igreja cristã, não existe Deus, mas existe sim, porque não existe dois Deus e igreja não tem placa. Eu vou para a igreja orar e peço ao meu Deus que dê proteção a mim e a todos. Deus tá ali olhando todas as ovelhas dele. Se eu estiver aqui com o pessoal pregando o evangelho, Deus tá ali, claro que Deus tá. A gente não tá vendo ele, mas ele vê a gente em qualquer lugar, na roça, passeando, trabalhando.

Às vezes tem gente que é cristã e diz que não vai na igreja católica. Eu disse ao pastor, “bom, eu vou seguir a religião, agora assim, se morrer um parente meu eu vou entrar na igreja. Por que eu não vou entrar? Antes eu entrava agora eu não posso entrar?”, porque antes eu era católica. Minha prima morreu, “ah, tu vai entrar na igreja?”, perguntou uma colega minha, eu disse, “minha filha, tu deixa de bobagem, não existe nada disso, não tem bestagem nenhuma, a gente pode entrar na igreja”. Tá celebrando a missa de corpo presente como chama, né? Mas empata a gente tá ali? Não empata, não. Eu já assisti várias. Eu morri? Não! Porque Deus é um só. Tem umas pessoas que ficam meia cara comigo eu digo, “olha gente, vocês mudaram de religião, mas não existe dois Deus em lugar nenhum”.

Quando eu era católica eu sempre pedia a São José, mas agora mais não. Porque, assim, o Deus é um só, mas a gente não pode tá pedindo assim pra imagem, não pode tá “me ajude Cosme e Damião”, que eu sempre pedia, sabe? “Me ajude Santo Antônio”. Por coincidência meu nome é Antônia. Todo ano eu fazia bolo, acendia fogueira, mas hoje não faço mais. Mas não sou contra quem vai e quem gosta. O pessoal tudo faz festa, faz tudo, vem aqui me convidar, seja bem-vindo, eu recebo o convite com amor, porque tem gente que dá logo uma pedrada, vai logo dizendo alguma piada, né? Mas eu não tenho piada pra dizer, não. Eu fico satisfeita quando a pessoa me convida, que seja reza que seja um ofício, seja o que for. Eu não vou, na bem verdade, mas fico satisfeita da pessoa vim em minha casa me convidar. Mas tem gente que é ignorante, não entende.

Quando não chove, minha filha, aí ninguém tem nada. Mas a gente sempre ora, porque tem que orar. Aí Deus vai ver o que é que faz pela gente. A gente pede, implora, dobra o joelho no chão, como eu faço e ele sempre tá me ouvindo. Outro dia eu cheguei aqui e tinha um recibo de cento e tanto, eu disse “senhor, toma em tuas mãos esse recibo que eu não tenho condições de pagar”. Quando foi no sábado, meu menino depositou o dinheiro. Eu pensei, foi ele que me ajudou me dando força.

A gente não tem que desfazer religião nenhuma, às vezes tem a reza ali, tem o samba, eu não posso ir, mas eu não desfaço. Cada qual segue o que quer. Sempre eu digo para os meus meninos, “oh, vocês não são ainda, mas quem sabe um dia?”. Pra tudo tem sua hora.

Ano passado nessas épocas [período de São José] eu plantei meu milho. Meus meninos ficaram dizendo que eu tava procurando castigo de Deus, eu disse “Que castigo de Deus? Eu tou aproveitando a chuva que ele manda, não tou pedindo pro santo”. Pois, meu milho cresceu, graças a ele [Deus].

Celestina Almeida Rebouças

82 anos

laçu – Bahia

21 de março de 2015.

DEPOIMENTO

Eu sou católica devota de todos os santos [risos], mas o meu preferido é Bom Jesus da Lapa. Eu morava em fazenda, fui criada em fazenda. Lá na roça, pra gente que era mulher, o trabalho mesmo era o doméstico, criava galinha, fazia o serviço de casa, esses negócios. Lá a gente ainda prantava, tinha roça, prantava feijão, milho, cana, batata, abóbora, melancia, mas a gente prantava só pra o consumo da casa. Tinha época que o que prantava dava, mas tinha vez que ficava ruim. Às vezes dava pela metade, perdia as coisas. É que às vezes faltava chuva, aí perdia.

Teve uma seca bem forte, mas agora eu não tou lembrando assim o ano, que a gente perdeu as roça tudo. E teve tempo também que perdeu muito gado e os outros animais. Também teve um ano que teve uma doença que apareceu nos animais, dessa vez não foi por causa da seca. Essa doença que apareceu matava o gado e os cavalo gordo! Mas a moléstia atacava e aí morria. Veio um veterinário de Salvador por nome Orlando. Quando chegou aí juntou aqueles fazendeiros todos dali de perto, porque todos já tavam tendo a moléstia nas fazendas. Inclusive lá em casa, na fazenda Muritiba tinha uma vaca caída há dias, porque era uma doença assim que atacava ali nas costas, ali pro lado das cadeiras e elas caíam e não levantava, até quando morria. Uns morriam ligeiro e outros demoravam. Essa vaca mesmo, ela ficou no chão um tempo, aí a gente levava água pra ela, levava comida, o mato, botava e ela comia, mas não podia levantar. Meu pai com aquelas pessoas iam pra ver se levantava ela, mas não podia. É tanto que quando o veterinário chegou aí, ele foi lá na fazenda, aí ele cabou de matar. Matou pra tirar o miolo pra levar pra examinar. A gente chorou na hora que mataram. Aí levou pra Salvador, ficou lá uns dias eles examinando, quando veio, já veio a vacina pra o gado. A

moléstia chamava raiva. Então começaram a vacinar o gado, os cavalos e os outros. Foi indo e desapareceu a doença. A gente pedia assim a Deus, pra Deus ajudar que desaparecesse aquela doença e desapareceu.

Na época da seca tinha pessoas que faziam promessa. Eu já vi, ali em Queimadinhos, que tinha uma senhora ali que chamava Nazinha e ela uma vez fez. Tava uma seca e ela fez pra buscar água no rio e colocar na cruz de frente à igreja. Cada um ia com uma garrafa, uma vasilha. Aí elas vinham cantando. Elas vinham rezando e tal, aí quando elas chegavam no cruzeiro despejava aquelas vasilha de água e pedia a Deus, a São José e tudo pra mandar chuva. Agora eu nunca acompanhei. Mas assim, eu acendo vela e peço a Deus que tome conta da minha família, de meus netos, minhas netas, toda a minha família e todos que tiverem fé em Deus.

Eu sempre vou na igreja. Mas agora mesmo, na novena de São José eu não fui, não. Eu fiz minha prece aqui. Acendi vela e fiz minha prece. Eu tou fazendo caso de ir amanhã, que quase todo domingo eu vou.

Esse ano aqui no dia de São José não choveu, não. Só passou assim um chuviscozinho pouco. Eu tava do lado de fora lavando os pratos, aí nubrou um pouco, eu pensava que vinha chuva, mas não veio. Mas ainda vai chover. Quem sabe?

Eu sei que agora foi São José, dia 19 de março. Maio é o mês de Maria, que sempre tem a novena. Hoje eles não fazem como faziam de antes. Era muito bonito dia 31 de maio, era muitas meninas que coroavam Nossa Senhora, até hoje ainda coroa, mas é diferente, mas de antes era muito bonito. Agosto tem São Roque, que também o pessoal faz pedido pra livrar das doenças. Aqui tem a igreja dele e todo ano tem a festa, tem a missa, tem procissão. Agora é uma igreja que eu ainda não fui, eu fui quando era capela, mas depois que fez a igreja eu ainda não fui. Disse que é muito bonita. Esse ano se eu puder eu quero ir. No mês de agosto inda tem Bom Jesus da Lapa. Bom Jesus no dia 6 e São Roque no dia 16.

Meu irmão, Zéu Sodré, nasceu na véspera de São José, 18 de março, por isso ele chama José. Mas minha mãe era devota mesmo de Santo Antônio, tudo dela era com Santo Antônio. Ela morava ali numa fazenda em João Amaro e a gente foi tudo criado aí. Eram sete filhos, quer dizer, eram 10, mas morreu três, aí criou sete, quatro homens e três mulheres. Agora, eu nasci num distrito de Itaberaba, na fazenda do meu avô, mas os outros nasceram todos aí.

Pra Queimadinhos eu fui quando casei. Antes disso, nós fomos porque meu pai foi ser gerente de uma fazenda. Passamos lá parece que dois anos e tanto, depois nós voltamos pra João Amaro, porque lá não tinha escola pra os meninos que era menor e era longe de Queimadinhos. Aí meu pai disse que não ia ficar lá na fazenda, que a gente podia vir. Aí nós viemos pra João Amaro mais mãe, chegamos em João Amaro, mãe botou os meninos logo na escola. Foi Zéu e Mundinho. Antônio Martins ela colocou numa tenda de marceneiro e cabelereiro. Ele já tava rapazinho assim, eu não sei se Toin tinha 14 anos, eu não lembro a idade. E os outros voltaram pra escola.

Eu tinha muita vontade de aprender bordar a máquina, eu já tinha aprendido bordar a mão e fazer flores, mas a máquina eu ainda não sabia. Quando nós voltamos, aí eu disse a mãe, “agora eu vou aprender bordar a máquina”. Nazinha foi aprender corte e costura. Zéu também ainda aprendeu, mas Zéu era o menor de todos. Aí foi o tempo que nós ficamos aí e eu casei em João Amaro e fui para Queimadinhos. Minha mãe foi passar uns dias lá em Queimadinhos. Foi quando ela voltou andando

doente. Aí ela voltou pra João Amaro. Ainda foi pra Salvador, mas o caso já era consumado. Ela morreu em João Amaro, em nossa casa.

Eu morei em Queimadinhos, parece que 18 anos. De lá que eu voltei praqui. Meu marido morreu, meu pai morreu e eu vim praqui. Eu tou com 38 anos que moro aqui em laçu. Mas meus filhos todos nasceram em Queimadinhos, todos de parteira. Lá em Queimadinhos nós tínhamos uma roça na beira do rio, mas foi indo e eu terminei com essa roça, porque a gente veio embora praqui. Tudo dava. O que a gente plantava mais era milho, ainda plantou cana, mandioca. Tudo que plantava dava porque era perto do rio*. Não era preciso a gente molhar.

Lá nos tempo de chuva tinha enchente no rio. O rio vinha no fundo das casas e tinha ocasião que às vezes tinha a seca assim, e ficava ruim pra os animais, até quando chovia. Agora, pra gente não ficava muito ruim, não. Mais pra o centro que ficava, porque não tinha água. Faltava água pras pessoas, os tanques secava, que lá pra esses mundos era tanque, aí secava. Agora a gente não passava essa falta grande porque era junto do rio. Mas nesses outros lugares faltava água, era muito difícil. Tinham algumas pessoas que vinham pra mais perto do rio, agora outros ficavam lá, coitados. Mas muitos vinham só o período da seca, quando chovia voltavam pra lá, que as vezes tinham roça, outros criavam um gadinho, essas coisas, e voltavam pra lá.

*O rio ao qual ela se refere é o Paraguaçu, que passa pelas cidades de Marcionílio Souza e laçu, cidades em que morou. O Paraguaçu é o maior rio genuinamente baiano e responsável por 60% do abastecimento do estado. Atualmente o rio passa por um período crítico de vazão, onde o nível abaixou consideravelmente no final de 2014 para início de 2015, graças a desmatamentos, incêndios florestais e destruição de matas ciliares. (Fontes: CEAMA – MP/ INEMA).

Maria Bertina Rocha

86 Anos

Moradora da Fazenda Fonte Velha, laçu – Bahia

21 de março de 2015

DEPOIMENTO

Eu sou católica, devota de vários santos. Mais de Coração de Jesus e de Maria, né? Eu moro na roça já tá na faixa de seus... É de muitos anos! Mas morando mesmo tá na faixa, assim, de seus 20 anos. Lá agora minha plantação é flor, essas coisas, né? E, assim, o temperinho do dia-a-dia, o alface, o tomate, o pimentão, essas coisas. Antes lá eu criava bode, ovelha, gado também, mas a criação de gado não é muita, é pouca. Mas criava muita ovelha e cabra. Mas não crio mais. Parei porque, minha filha, a idade chegou e também tem os fazendeiros, um de um lado e outro de outro e eu no meio, aí pra não ter aborrecimento eu deixei de criar, porque passavam 'pro' pasto dos vizinhos, aí já vinha queixa, né? Aí eu deixei de criar, só crio meu gadinho porque aí não me dá trabalho, não vai 'pro' pasto de ninguém, também.

Na seca fica difícil. Agora, fica e não fica, porque, assim, se o criatório fosse muito aí eu passava apertada, mas graças a Deus é pouco. Mas, assim mesmo, quando é na

seca, a gente vai cortar pra fazer ração de mandacaru, de capim, de cana. Tem a ração que compra também, pra dar no cocho.

Quando chega a seca... ah, eu faço muita promessa, né? São José, São Roque. Faço muito. A gente reza. Antigamente a gente ainda saía pra até trocar o santo de uma casa pra outra. Cá, pra você entender, digamos assim, que na roça a gente mora num canto e outro mora 'ni' outro, né? Sempre não é pertinho, as casas. Como no meu caso mesmo, meus irmãos 'mora' perto, mas nessa época da minha mãe era uma distância assim de uns quatro a seis quilômetros que trocava o santo. Levava São José pra uma casa, e aí quando chovia ia trocar. Pegava o do vizinho e trazia pra casa da minha mãe, e pegava da casa de outro vizinho e levava pra outra casa. Isso começava no dia primeiro de março e terminava no dia 30.

Sempre chovia. A gente esperava, minha filha. Inclusive dia de São José, todo mundo quando via as trovoadas dizia, "oh, graças a Deus, é vem a chuva. Vai ter chuva". E eu dizia, "ô mãe, vai chover?", ela dizia, "vai, minha filha, quando vê as trovoadas a chuva vem, ou antes ou depois". Esse ano, por sinal, choveu, mas não deu ainda a chuva de São José, né? A gente fica esperando com a fé em Deus. Ainda dá tempo. E vem! Com a fé em Jesus a chuva vai chegar aqui.

No mês de agosto a gente reza pra São Roque. Mas até que deixou porque foi acabando 'aqueles povo' mais antigo. Aí realmente, hoje, naquela comunidade lá onde eu moro só tem a mais velha eu mesmo. Os outros são mais jovens, quer dizer que não tem mais essa crença que meus pais tinham e eu também, né? Mas ainda mesmo, no dia 16 de agosto eu tou aqui. Com a fé em Deus eu vou assistir a missa de São Roque, se Deus quiser!

Eduardo Pereira dos Santos

72 anos

Morador da Fazenda Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana – Bahia

19 de março de 2015.

DEPOIMENTO

Eu sou trabalhador rural e faço parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Eu também sou católico de muita fé e muitas 'graça' alcançadas. Sou devoto de São José.

Eu planto feijão, milho, mandioca... Já plantamo até fumo. Mas só que com as dificuldades os filhos cresceu, pegaram o rumo e ficou só eu e a mulher pra trabalhar, então deixamos de plantar. Mas agora não tá dando por causa da seca. Eu tou esperando esse ano, conforme nós temos a esperança sempre, que não perdemo, que tenha um bom inverno, pra gente poder fazer a nossa plantação.

Olha, eu tenho uma promessa que todo ano eu faço, a minha novena de São José, desde quando eu casei. Porque quando eu casei, eu não tinha um 'parmo' de terra. Mas a minha companheira me ajudou, meus filhos 'foi' crescendo, ajudando, obedecendo. Trabalhos e a gente conseguiu comprar, hoje, 10 'tarefa' de terra, que dá pra eles tudo fazer casa em cima, conforme tem. Então, foi uma promessa que se ele rogasse a Deus pra que eu pudesse ter um 'parmo' de terra como meu e da

esposa, a gente continuava fazendo a nossa novena, com todo ano a gente faz. Mas é só uma noite, as outras noite a gente acompanha aqui na sede. Agora tem uma noite que é separada, né? Convida os 'vizinho', reza a nossa novena de São José e depois tem o comes e bebes, né? Mas, não vai ser hoje, porque hoje tem a festa de encerramento daqui, amanhã eu tenho uma outra atividade, sábado tem outra atividade que já tava programada pelo povo, então eu vou ter que fazer no domingo, mas não deixo de fazer, todo ano.

Esse ano eu não fiz nenhuma promessa pra chover, mas eu espero que a gente vamos ter chuva. Na verdade eu não faço promessa pra chover, eu digo assim: _Eeu espero, São José, que este ano a gente tenha a chuva que podemos fazer a plantação, não só eu, como todo o povo, principalmente do nosso distrito.

Geralmente os trabalhadores rurais aqui são devotos de São José. Vindo desde a primeira noite a gente vê cheia de gente. Agora, a mulherada é mais frequente, mais participativa, mas tem muitos homens, também.

Hoje com o tempo escasso, não tá dando mais pra trabalhar diretamente conforme se fazia, mas pelo menos planta, trabalha às vezes na cidade, dois dias na semana, três dias, quatro dia na roça, mas sempre a gente faz as coisa. Olha, antigamente a gente fazia uma coisa que nós chamava troca de dia, mutirão, que era digitório que a gente chamava, né? Um ajuda um, outro ajuda outro. Essa aí era a forma que a gente fazia e quase que não se pagava, só na hora do aperto que pra limpar o feijão se pagava um dia uma pessoa, mas era mais troca de dia ou então digitório.

A chuva antes era bem constante, né? Desde as trovoada, chegava no mês de novembro. Dezembro sempre tinha trovoada, novembro e dezembro, de muito aguaceiro, né? Em fevereiro estiava um pouco e em março, podia esperar, que a chuva chegava pra se plantar o milho pra no São João ter 'fórrizada' de milho e amendoim. Agora não tá mais dessa forma, né? Às vezes o amendoim não se 'aplanta', mas o milho como é companheiro de capim, plantou, nasceu, ele espera alguns dias, é o que tá às vezes se plantando, mas o amendoim, conforme se fazia roça de amendoim, hoje não tá mais dando pra se fazer por causa da chuva que não tá constando conforme era.

Esse ano eu ainda não plantei. Tou com uma terra preparada, né? Eu tava esperando, que ontem deu uma chuvinha por aqui, eu falei "êta, graças a Deus", quinta-feira 19 eu não 'aplanto', mas espero 20 e 21. Aí eu vou começar a plantar meus 'milho' pra fazer o forró de São João.

A gente só planta depois que chove, não podemos plantar antes de chover, porque pode plantar e dar uma chuvinha pouca, não ser suficiente e aí ele termina perdendo tudo.

Manoel Ferreira Silva

73 anos

Morador da Fazenda Lagoa Suja, Distrito de Maria Quitéria, Faria da Santana – Bahia

19 de março de 2015.

DEPOIMENTO

Eu sou lavrador desde quando eu nasci e sempre que eu planto eu colho, mas já teve tempo de perder com o sol. A gente 'aplantava', mas no tempo da flor faltava chuva e aí perdia. O tempo da flor é assim, nós planta em maio, né? Aí vem maio e junho. No mês de agosto, pra julho já o tempo da gente tá colhendo, né? Aí o sol batia, a gente perdia. Eu plantava feijão, mandioca, aipim, tudo da roça eu plantava, tudo! 'Melencia', feijão de corda. Agora mesmo bateu no feijão de corda, tá praticamente perdido, porque não choveu pra eles 'botar' flor. Tá perdido.

Eu sou católico. Gosto de São José demais. Eu tava falando aqui pra ir pra São José hoje, né? Olha, quando eu faço promessa pra ele eu não faço pra chuva, não, eu faço promessa de um bicho meu, que às vezes tá com 'probrema'. Agora mesmo, eu não vou hoje, mas vou mandar por essa minha 'cumade' ali, 10 reais pra botar no pé dele, porque eu fiz uma promessa que eu tava com uma ovelha meia doente, criou uma pedra no peito e aí eu digo "vou fazer uma promessa que vai melhorar". Aí, felizmente eu fiz a promessa e melhorou. Então eu tenho que pagar a promessa, né? Eu não vou, mas eu vou mandar ali minha 'cumade' levar 10 reais pra botar no pé dele, de São José.

Aqui teve umas 'passage' que foi perigosa. Igualmente 2013, foi péssimo! Foi ruim demais. Foi dois anos, 2012 e 2013. Eu mesmo plantei um feijão, em 2013, 2012, sei lá, eu sei que o feijão que eu peguei foi três 'litro', perdi tudo! Agora esse ano eu peguei e plantei acho que duas 'tarefa' de milho e graças a Deus eu ganhei tudo. Milho, feijão, tudo que eu 'prantei', ganhei. Por agora eu não plantei ainda não. 'Tamo' esperando esse inverno de 2015 chegar agora em maio. De abril pra maio tá todo mundo esperando o inverno aí, né? De maneira que se chover no fim desse mês, lá pro dia 29, 28, eu tenho que arar umas terra aí, deixar logo "privinado" e quando chegar o mês de abril e maio aí eu planto. Se não chver eu vou fazer o que, né 'fia'? Esperar Deus. Tá todo mundo na espera aí. Disseram que o inverno esse ano vai ser bom.

Eu não vou direto na igreja, não, porque daqui pra lá pra eu andar de pé é ruim e eu sinto muito por causa de coluna, entendeu? Hoje eu mesmo eu ia, mas não vou, não. Hoje é o último dia de São José, mas não tem colega que vai. Eu não vou voltar sozinho meia noite, né?

Chuva hoje só quem sabe aí é um: só Deus. Ontem deu uma chuvinha aqui, pouquinha, pensei que ia aumentar, mas não aumentou, não. É assim, mesmo né? O tempo tá mudado, não era aquele tempo de antigamente, não. Eu 'arcancei' ainda plantando no mês de 'malço', nesse mês que nós 'tamo'. Aí foi 'pinotando'. 'Pinotou' pra mês de abril e 'pinotou' pra maio. Eu já plantei até mês de São João e tive. Agora tem mês que planta em mês de São João, quando a chuva demora muito. Não dá como era, né? Mas dá. O tempo tá tudo mudado. Aliás, o tempo não, os homens! Os homens 'quer' saber dos segredos de Deus e não 'sabe'. Eles 'morre' doido e não 'sabe', de jeito nenhum.*

*Quando seu Manoel fala “pinotando” ou “pinotou”, ele está conjugando a palavra pinote, que significa, neste caso, segundo do dicionário Aurélio, pulo.

Maria Estella Cardozo dos Santos

86 anos

Marcionílio Souza – Bahia

21 de março de 2105.

DEPOIMENTO

Eu sou católica, sim. De todos os santos eu sou devota e eu gosto mais do [Sagrado] Coração de Jesus.

Eu morava na roça, eu tou aqui porque não tem jeito. Um dia perseguiram a gente e foi obrigado a gente ‘vim’ pra rua, mas vive contrariado, ‘vixi’. Foi três ‘vez’ que perseguiu ‘nós’. A derradeira foi obrigado nós vir embora. Eles ‘jurou’ que se nós ficasse ia matar nós. Como é que ficava, né?

Essa casa minha aqui foi do dinheiro da terra. ‘Terto’ [o marido] comprou o carro e eu fiquei com um dinheiro. O rapaz deu um dinheiro e falou pra eu comprar essa casa, eu digo “vou comprar mais casa, não” e fiz uma lá embaixo pra quando fosse tempo de eu ir numa missa pra eu não tá aborrecendo os outros, que meu pai era assim. Pra não tá aborrecendo os outros, fiz minha casa. ‘Trabaiei’, ‘trabaiei’, ‘trabaiei’, fiz uma casa lá em baixo. Aí vim pra dentro, por mal dos ‘ladrão’.

Mas depois nós ‘tava’ indo na roça, aí foi o dia que perseguiu nós. Eu fiquei com um jeito que até hoje, minha ‘fia’, eu não perdi meu juízo porque Deus foi por mim, me apeguei tanto com Deus. Eu ajeitava tudo que era coisa, fazia qualquer coisa, tudo em paz, mas hoje o juízo já não tá mais como tava. De um tempo pra cá, os nomes das pessoas, que tinha tanta gente que eu conheci, eu olho assim, cês acredita que eu perco a ideia de quem é? Tem uns assim que eu reconheço, né? Agora naquela rua lá em cima, que eu andava por lá, chegava, trazia coisa pra vender aqui, eu me esqueci.

Eu vendia ovos de galinha, requeijão, essas coisas que eu fazia lá na roça. A gente plantava lá, tinha um ‘gadin’. Você acredita que eu tinha um ‘gadin’, eu peguei um homem aqui por confiança porque andava mais Terto, ele unia muito mais Terto, ‘trabaiava’ aí com o patrão dele, ele carregava carga pra longe, acho que pra Santo Antônio de Jesus e Terto levou gado mais ele. Aí eu panhei e dei ele a sociedade pra ele melhorar lá e tirar a sorte. Aí trouxe, né? 14 cabeças. As vaca boa de leite, se visse. Ele comeu tudo! Nós deu confiança e um dia nós foi lá no lugar dele lá,

tava tudo lá. Depois daí pra cá, por a confiança a gente foi deixando. Hoje ele não fala mais comigo não, mas na época eu disse, vamo Terto lá espiar, aí tava lá. Aí ele disse “Ô dona fulana, vende uma vez, pra ficar mais pouco por causa do pasto”, aí eu combinei e vendi. Até o dinheiro do resto que eu vendi ele não pagou. Aí um dia Terto apertou ele, “vamo ver o gado” e ele dava ‘descurpa’, quando dizia que ia espiar ele dava uma ‘descurpa’: “hoje eu vou plantar em tal lugar”, “hoje eu tenho tal coisa”, era assim. Ai quando foi um dia nós apertou ele. Eu disse “ó Terto aperta ele pra nós ir amanhã”. No dia que Terto apertou ele adoeceu, dizem que ele chegou a ir num velório, quando chegou meio-dia adoeceu. Adoeceu esse homem, a mulher dele pelejou e levou pro hospital, ficou ‘melhorzin’ e trouxe pra cá. Quando trouxe pra cá ele piorou de tudo. Aí levaram pra Itaberaba, quando chegou no caminho morreu. Mas o povo disse que ele bebeu veneno, e eu ‘credito’, porque eu acho que ele ficou tão injuriado que todo mundo conhecia ele com fama de bom, aí ele ficou injuriado e fez isso. Que dizem que tinha um copo de junto da mesa, assim o povo conta. E aí quando eu vi, só olhei uma vez tava com o ‘zoião’ e os povo diz que quando toma veneno os ‘zói’ estufa. Eu ainda fui lá depois pra vê se a mulher dele pagava o que ele me devia, mas ela não pagou. Pra ver se eu pagava água e luz lá da outra casa. Eu disse, “fulana, tem paciência pra me pagar o que ele me devia, porque ele me disse que pagava até os juro e eu preciso”. Olha, graças a Deus eu tou viva. E aí nós viemos embora de lá. Graças a Deus eu tenho minha casa lá embaixo, a de lá eu aluguei. De vez em quando eles pagavam, enquanto a mulher tava trabalhando numa casa aí tava pagando, depois que a mulher teve criança não pagou mais, não tem como pagar coitadinha. Fez o contrato pra um ano, fez um ano e não pagou tudo. Aí eu fiz contrato com outro rapaz, o rapaz tomou conta e tá lá. E aí eu vim pra daqui.

Eu só não vou na missa quando eu não posso. Esses dias tinha um povo de São Paulo aqui e eu não pude ir, mas eu vou sempre. Agora teve novena de São José e eu não fui porque tinha gente aqui, mas eu acendo vela.

Quando eu morava na roça eu não fazia promessa pra chover porque diz que faz mal fazer. Disse que não pode, não. Aí a gente pede a Deus pra chover, faz procissão. Lá a gente fazia muito procissão, agora aqui o povo não gosta. A coisa melhor no mundo que tinha era fazer procissão. Meu pai fazia procissão e no dia que meu pai fazia nós chegava em casa tudo molhado.

Teve muita seca forte aqui uns anos atrás. E nós tinha uma fazenda. Nós saia da fazenda de lá pra vir esperar chegar água vindo de outra fazenda do Santo Antônio, não sei se você já ouviu falar do Santo Antônio, é perto de ‘Bartião’. Aí nós vinha praí pro rapaz levar dois calote de água pra chegar lá beber e cozinhar. A água lá que tinha era minada, era salobra. Nessas secas nós perdia o gado. Quando plantava se era ano ruim a gente perde, não tem jeito.

Rafael da Cruz Freitas

63 anos

Morador da Fazenda Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana – Bahia

19 de março de 2015.

DEPOIMENTO

Eu trabalho com terra desde que eu me entendo como gente, desde que comecei a andar e entender as coisa. Eu aprendi com Deus, porque o meu pai morreu e eu fiquei com quatro anos. Aprendi com Deus e minha 'inteligência'. Eu vivo da terra. Graças a Deus a terra foi me ensinando e eu aprendi tudo.

Eu planto tudo! Milho, mandioca, feijão, capim, fruta... De tudo eu mexo. Animal, carneiro, porco, cavalo, tudo. Às vezes tudo cresce, é difícil perder tudo. Às vezes perde um pouquinho, mas nunca perdeu de tudo pra dizer que não tem nada, não. Tem ano que corta um pouco, dá menos, tem ano que dá mais, mas nunca se deixa de ter uma coisinha, não. Eu nunca perdi um ano pra dizer assim, "não tive nada aqui".

Eu sou católico. Eu acho que Deus ajuda, em todo ponto. Deus ajuda, em todo momento, toda hora. Eu sou devoto de São José, mas não sou muito de fazer promessa pra santo, não. Eu sou mais de ir direto a Deus logo [risos]. Fazer como ontem, eu peço já a Deus. E graças a Deus quando eu peço eu sou atendido. Tudo o que eu peço a Deus eu vejo.

Esse ano eu plantei um milhozinho e um feijão de corda, agora tá murcho. Se chover ainda vai. Tá murcho, mas tá vivo. Se Deus ajudar que chova agora pelas passagem de São José. Daqui pra meia-noite ainda é São José, né? São José teve vez que "faiou" [risos]. Antigamente era mais certo, mas agora "faia" um pouco, vem depois de dois dias, três... Eu acho que isso é pelos tempo. O povo quer saber as coisa mais que Deus, aí o tempo vai mudando. Que antigamente a coisa era muito diferente de hoje. Chovia. A trovoada era certa, hoje nada é mais certo, tá tudo variado. O inverno tá variado, a trovoada tá variada, passa aqui, não passa ali, não é? Vez que dá a chuva no São José que alaga a rua toda e aqui pra gente não dá nada. Então, o tempo tá bem mudado pra o que era antigamente. Há 30, 40 anos atrás era bem diferente a coisa.*

Eu não vou dizer que eu vou todo 'oitcho' dia na igreja, mas sempre eu vou. Mas hoje eu não vou, não, que eu não gosto muito de andar de noite. Meu negócio é de dia.

*Neste caso, o lavrador se refere à São Jsé localidade, como é conhecido o distrito de Maria Quitéria, que antes chamava São José dos Itaporocacas.

Jeroncio Gomes Rosendo
75 anos
Marcionílio Souza – Bahia
21 de março de 2015

DEPOIMENTO

Eu sou católico, devoto de todos os santos, mas o meu preferido é Bom Jesus da Lapa porque, bom, o que tá lá na Lapa a gente não vai dizer nada, né? Mas o Senhor Bom Jesus é quem mandou tudo o que tem no mundo, né? Então, o Senhor Bom Jesus.

Eu sou de Ipirá, morei a vida toda na roça, lá a gente plantava. Alguns anos as coisas dava, mas a maioria não dava, mal da seca, do tempo seco. Não chovia. Prantava quando tava querendo ‘enfolorar’ acabava a chuva. Babatava umas coisinhas, de outra vez nada. Aí agora a gente ia trabalhar, rancar tubo nos pastos dos outros, comprar farinha, feijão e carne pra comer, que não tinha jeito, né? Não tinha de roça.

Nunca fiz promessa pra chover, não. Mal que não adianta, né? Deus sabe a hora e o dia certinho de mandar o banquete. Então a gente fica preocupado, mas Deus tá vendo tudo, né? Os merecimento da gente e com isso a gente e bom ficar quieto. Que a promessa se fizer tem que cumprir, né? É que nem um débito, cê tá deveno ou você paga ou fica deveno, né? E com isso eu nunca fiz promessa, não.

Agora, meu divertimento é jogo, de bola, e samba. Minha diversão foi essa só. Eu joguei 30 ano. Joguei não, brincano, que nunca foi... mas jogava, né? E agora chegou o tempo de parar, parei, né? Mas o samba eu só vou parar quando não tiver mais jeito. Rapaz, tem mais de 30 ano que eu tenho violão. Eu não sou tão caduco de fama, não, mas tem um sambinha vei, uns toquezinho vei bobo, mas dá pra divertir, né?

Em 1982 teve uma seca pior do mundo, lá em Ipirá, né? Agora, essa daqui foi pior, essa d’agora foi pior. A lá de Ipirá de 82 acabou tudo. Eu passei oito mês, agora em 2012, dando comida aos bicho, o gado. Chegava lá tava minha vaca que joelhava pra levantar e não levantava. Eu, “êta, essa não tem jeito”. Morreu, deixou os bezerrinho pequenininho. Deixou dois bezerrinho. Morreu três vaca. Duas parida, os bezerrinho com 60 dias. A vaca morta e o bezerrinho deitado do ladinho, é de doer.

E tinha mais umas três, foi obrigada a tirar, separar dos bezerrinho. Botei os bezerro prum canto e as vaca pro outro lado senão morria tudo, né? Do meio pro fim ainda morreu umas três, eu fui obrigada a vender umas sete ou oito pra dar comida aos que ficou, né. Essa seca de agora, pra mim foi pior do que a de lá. Porque no nordeste é assim, todo 10 ano tem uma seca, nós tem aperto direto, né? Mas seca, é todo 10 ano. Essa seca de agora ela não acabou ainda, mas já melhorou muito, né? Mas ela não acabou ainda, não. Quando for em 2020, 2022, até 2023 a parada cai de novo, assim. É assim, todo 10 ano tem essa seca braba no nordeste. Agora, a gente não sabe o que diz, conversa assim, mas não sabe o que diz, mas eu acho que nós tá melhor um pouquinho de que muitas horas de temporal que tem lá pra São Paulo pra lá, né? Essa semana mesmo teve um temporal que quase arrasa o mundo, em São Paulo. Então aqui tá melhor, né? Morre uma vezinha hoje, uma vezinha amanhã e lá quando pega um pau só.

Eu sou um católico mais preparado que tem no mundo, porque não tem hora no mundo pra eu não me lembrar do nosso pai do céu. Na hora em que eu vou deitar, eu tenho de rezar. Na hora que eu levanto, tenho de rezar. Na hora que eu vou pra roça, primeiro eu me benzo. Quando eu saio de lá pra cá, a merma coisa. Agora na igreja, passa às vezes até 30 dia que eu não vou na missa, né? Que não adianta você ir em tudo quanto é missa, não. Uma missa só que você vá, vale por 10 ou 20. É! Eu vou contar um caso a vocês, é um caso que é caso vei, né? Não é caso do meu tempo, não, que meu pai que contava esse caso, né? Mas, é um caso interessante, né? Tinha um cara que não tinha missa, podia ser com cinco légua, ele ia na missa. Tem uma missa na fazenda de fulano de tal. Cinco légua, ele ia. Pegava o burro vei e ia aqui. Chegava lá, assistia a missa. Passava o dia todo andando, né? Cinco légua pra ir e pra voltar. 10, né? Era o dia todo. Quando foi um dia, tempo seco como tá as vez todinha, aí. Ele foi pra uma missa, era quatro légua a missa, né? Pegou o burro vei dele e se mandou. Já tinha um burro vei próprio pra isso, né? Quando chegou num entrevado da estância, duas légua pra missa, tinha um tanque cercado com um pouquinho de água, né? E umas ovelhinha berano pra beber água, umas 10 ovelha berrano. O tanque bem cercadinho, né? E as ovelha berrano, caçando jeito pra beber água e sem puder. Mas parou no canto e disse, “oh rapaz, as bichinha morrendo de sede, oh. Essas ovelha deve tá uns 3 ou 4 dia sem beber água”. Aí ele disse, “eu vou dá água a essas ovelha”. Não sabia de quem era o tanque, né? E as ovelha também, ele não sabia quem era o dono. Aí ele chegou, marrou o burro lá. Abriu a cerca, botou as ovelha, as ovelha bebeu, encheu a barriga, depois saiu, ele fechou a cerca bem fechadinha e foi embora. Chegou lá já tinha passado a missa. “Ô, perdi a missa. Fui cuidar das ovelha, perdi a missa”. Depois, passaram assim um tempo ele morreu, né? Foi bater no céu, lá no reino da glória. Que o povo fala, que quando a gente morre o corpo fica aí, vai lá pro chão, né? E a alma vai direto pro céu, né? Ai Deus é quem termina pra onde é que a gente vai, né? Aí ele chegou, lá e nosso Pai disse “filho, o que foi que você fez lá pra vim praqui pro reino da glória?”. Ele disse, “oh, Senhor, eu não conto as missa que eu fui, fui ni mais de 100 missa, durante o meu tempo todo, quando eu existia no outro mundo. Mas teve uma missa que eu perdi. Cheguei, umas ovelha tava morrendo de

sede, eu dei água praquelas ovelha e empatou um pouquinho, quando eu cheguei lá já tinha acabado a missa”. Deus disse, “pois essa missa foi a que você ganhou. Olha filho a gente ganha o reino da glória com as obra e a caridade que faz no outro mundo. Aquelas ovelha tava com oito dia sem beber água, então você fez uma coisa tão boa que você vai ficar aqui mais a gente”. Tá vendo? As outras missa foi tudo perdida. Chegava lá ia ficar mais os amigo, né? As vezes ia até caçar um namorozinho, um negócio qualquer, né? Que acontece tudo isso, né? E naquela hora ele fez uma caridade tão boa que ele ganhou o reino da glória.

Não precisa todo dia ir pra igreja. Os crente é demais, rapaz. Não faz mais nada, só nas igreja. O pastor tem um pé, né? Pegar o dinheiro dele, né? E os outros? Não precisa, não. A gente vai porque é bom a gente ir na missa, né? Porque no dia que você vai na missa, eu mesmo soou assim, né? Quando eu vou na missa, eu só vou pra assistir o que o padre fala, né? Que aquelas palavras ali, a gente não vai na missa por mode o padre, não. Aquelas palavras que ele tá falando ali foi Deus que deixou pra ele apregar pra gente assistir, né? Então, eu vou decretado pra assistir aqui ali, né? Aí, eu venho de lá pra cá que parece que eu fui de uma forma e voltei de outra assim. Mais melhor, assim. Eu digo “olha, que coisa boa aquelas palavras”. Mas tem gente que só vai brincar e conversar, marcar trato mais alguém, né? Aí, não adianta ir na missa, fica em casa que é melhor.

Eu tenho um bocado de caso bonito pra contar. Agora só que esse caso que eu contei aí, isso aí foi do tempo do meu pai, não é do meu tempo, não. Eu vou contar outro caso pra vocês. Caso vei. Nosso Pai, que Deus não é meu pai, não, é nosso Pai, né? É pai de todo mundo. Ele chegou num casa, ele andava no mundo no tempo. No princípio do mundo ele andava no mundo, né? O povo diz que andava e andava mesmo. Que tudo é dele, né? Ele é quem manda. Aí ele chegou na casa de um velho, o vei só ele e a veia, né? Todo cheio de pereba, chega tava salmeiro assim pelo corpo dele. Mas chegou como vei, né? Aí, chegou assim no varandado da casa pediu rancho já de tardinha, né? Aí o dono da casa veio, “pois não? Pode entrar pra cá. O que é isso aí?. Aí ele, “Ô meu senhor, tou doente. Todo cheio de pereba, deu uma coceira braba no corpo que eu coço de caco de teia. Todo ruído. E eu tenho um remédio próprio pra isso. Mas só que eu não tenho condições e quem tem condições não vai fazer isso pra mim”. Ele disse, “e porque não vai fazer?”. “Não faz, não. Não tem como fazer, não”. “E o que é vei? Cê sabe?”. Ele disse, “eu sei e eu vou lhe dizendo que você tem esse remédio aí. Mas você não vai fazer. Eu não sou nada seu, cê não me conhece. Somos estranhos”. “E o que é, vei? Me diga o que é?”. E o vei tinha uma vaca parida com uma bezerrinha, tinha três dias de parida, né? Vaca preta. Ele disse, “oh, o remédio é matar uma vaca preta que nem essa vaca sua, assim, parida de novo e eu passar o sangue da vaca em meu corpo. Com três dia eu tou sãozinho. Mas você tem sua vaquinha e não vai fazer isso pra mim”. Aí ele disse, “Ô fulana”, com a mulher, “vamo matar a vaca, fulana?”. Ela disse, “vamo”. Deus disse, “meu remédio é esse aí. Eu tiro a banda do couro da vaca, eu vou passar o sangue da vaca no meu corpo, com três dia eu tou são”. “Ô fulana, vamo matar a vaca, olha como tá esse vei, já pingando salmeira, rapaz, todo

ruído. O Deus que deu essa vaca a nós, dá outra a nós. Vamo matar. Nós mata a vaca”. Meteram o machado na vaca, matou, tirou uma banda do couro. O vei pegou aquele sangue do couro e passou no corpo dele todo, né? Aí deixou a vaca ali só tirado o lado do couro, né? Tirou o chocalho e pendurou no varandado. Aí o vei dormiu num esteira assim no chão. Foram dormir, né? Quando foi de noite, de madrugada, lá pra três horas, o chocalho da vaca tocando. Aí o vei falou, “olha, fulana, olha. O chocalho da vaca tocando, ô rapaz, nossa vaca, heim?”, A mulher disse, “deixa, não tem nada, não. Tá arrependido?”, “Não, tou arrependido, não. O Deus que deu aquela vaca a nós pode dar outra”. Aí ele levantou, quando ele levantou tava a vaca em pé, dando mama a bezerra. A bezerrinha batendo o rabo no chocalho. “Fulana, é vem cá pra tu vê uma coisa. A vaca de pé e dando mama a bezerrinha”. Como é que pode, né rapaz? No tempo de nossos pai, disso pra lá, o que tinha no mundo era tudo de bom. Respeito, consideração, valor, né? Eu quero ver nosso pai do céu chegar hoje numa casa aqui pra alguém fazer isso com ele. Agora, naquele tempo não tinha maldade, né? Não tinha mulequeiro, não tinha descaração, não tinha esses negócio que tem hoje. Só tinha tudo de bom. Então, chegou aquele vei ali, o homem era tão bom, considerou tanto que fez isso. E no princípio do mundo aconteceu tudo isso aí. Hoje, tudo o que tem hoje não presta.

No mês de outubro, nós plantava no seco. Podia prevenir porque as chuva batia no chão naqueles tempo certo. No dia de São José agora, nós plantava milho pra come maduro no dia da fogueira. Podia tá seco aí a chuva caía certinha. Hoje, porqu povo mudou o tempo, né? Mudou as coisa. Então eles que se arrombe. Quando Deus mandava, né? Mas Deus falou, “quando os homens quiser mudar o mundo, eu mudo”. Mal de muito que não presta, os que presta, a minoriazinha que tem e que presta padece também.

ANEXO B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Francisco Alves Brasil Neto, nacionalidade brasileiro, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 051.907.565.05, inscrito no CPF sob nº 051.907.565.05, residente em Salvador, nº. _____, município de Salvador /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem (arte), para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; e (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

SALVADOR, dia 22 de MAIO de 2015.

Francisco Alves Brasil Neto
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, MARIA ESTELA CARDOZO DOS SANTOS, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil CASADA, portador da Cédula de identidade RG nº. 07721973-20, inscrito no CPF sob nº 755.739.895-53, residente em DEVALDO FLORES, nº. 218, município de MARCONILIO SOUZA /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Marconilo Souza, dia 21 de março de 2015.

Maria Estela Cardozo dos Santos
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, CELESTINA ALMEIDA REBOUÇAS, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil VIÚVA, portador da Cédula de identidade RG nº 4 892 733, inscrito no CPF sob nº 066 839 675-04, residente em Rua Joana Angélica, nº. 37, município de Sacuí /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Sacuí, dia 21 de março de 2015.

Celestina Almeida Rebouças
(assinatura)

Nome: CELESTINA

Telefone p/ contato: 3325-2316



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, MARIA BERTINA KOCHA, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil VIÚVA, portador da Cédula de identidade RG nº 2.671.203, inscrito no CPF sob nº 334.977.725-49, residente em Fazenda Monte Velho, nº. Saçu, município de Saçu /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Saçu, dia 21 de maio de 2015.

- Maria Bertina Rocha
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, ANTÔNIA SALES PEREIRA, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil CASADA, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____ residente em FAZENDA RUMO - DISTRITO DE MARIA QUILTÉCIA, nº. S/N, município de FELTA DE SANTANA /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

FELTA DE SANTANA, dia 18 de MARÇO de 2015.

Antônia Sales Pereira
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, MANOEL FERREIRA SILVA, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil VÍDUO, portador da Cédula de identidade RG nº 02.095.964-13, inscrito no CPF sob nº 717244235-20, residente em LAGOA SJA- DISTRITO DE MAXIA QUIETIA, nº. _____, município de FELICIA DE SANTANA /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Felícia de Santana, dia 19 de maio de 2015.

Manoel Ferreira Casag - 26-80610995-03
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:





TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Eduardo Pereira dos Santos, nacionalidade Brasileiro, estado civil Casado, portador da Cédula de identidade RG nº _____ inscrito no CPF sob nº _____ residente em Fazenda Sagem Grande, nº _____, município de Feira de Santana /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Feira de Santana, dia 29 de março de 2015.

Eduardo Pereira dos Santos
(assinatura)

Nome: _____
Telefone p/ contato: 75 34866738 - 99668636



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, RAFAEL DA CRUZ FREITAS, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG nº 01 890474-29, inscrito no CPF sob nº 139120385-20, residente em LAGOA GRANDE - DISTRITO DE MARIA QUIETINA, nº. _____, município de FEIRA DE SANTANA /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Feira de Santana, dia 19 de março de 2015.

Rafael da Cruz Freitas
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, JERONCIO GOMES ROSENDO, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG nº 5.786.730, inscrito no CPF sob nº 592.754.995-00, residente em RUA LOURIVAL ROBEIRO, nº. 52, município de MARCONÍLIO SOUZA /Bahia, Brasil. AUTORIZO o uso de minha

imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no livro "A arte de viver da fé", produzido por **SUSANA SOUZA REBOUÇAS**, inscrita no CPF 034.901.295-47, portador da Cédula de identidade RG nº 11533575-77, aluna da **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**, inscrita no número de matrícula 211201082 do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com a finalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor **JOSÉ ROBERTO SEVERINO**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) folder de apresentação; (II) anúncios em revistas e jornais em geral; (III) home page; (IV) cartazes; (V) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Marconílio Souza, dia 21 de março de 2015.

Jerônimo Rosendo

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

ANEXO C – FOTOS



Foto: Susana Rebouças | Maria Quitéria, Feira de Santana, Bahia | 2014. Paróquia em Maria Quitéria antes da Missa da Colheita.



Foto: Susana Rebouças | Maria Quitéria, Feira de Santana, Bahia | 2015. Bispo Itamar Vian celebrando a missa de São José.



Foto: Susana Rebouças | Maria Quitéria, Feira de Santana, Bahia | 2014. Arranjo feito pelos fiéis para a festa da Colheita.



Foto: Susana Rebouças | Maria Quitéria, Feira de Santana, Bahia | 2015. Fátima Maria fotografando Vanderley após arrumação dos andores para a procissão.